



# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC  
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais  
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo  
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado  
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)  
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)  
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras  
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat  
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)  
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira  
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)  
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»  
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?  
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça  
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)  
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular  
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas  
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias  
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente  
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal  
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)  
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ( $\Delta^{13}C$ ) em sedimentos de sítios arqueológicos  
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)  
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)  
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida  
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar  
Ana Cristina Ribeiro

## 2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto  
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR  
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo  
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português  
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)  
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros  
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave  
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio  
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro  
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro  
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)  
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)  
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)  
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.  
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands  
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR  
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

### 3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”  
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio  
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)  
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)  
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica  
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*  
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022  
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco  
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela  
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)  
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia  
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café  
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)  
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10  
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio  
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)  
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial  
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana  
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)  
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)  
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas  
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal  
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)  
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo  
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários  
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira  
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana  
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso  
Gil Vilarinho

#### 4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)  
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)  
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo  
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas  
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico  
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus  
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra  
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora  
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra  
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)  
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna  
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)  
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material  
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas  
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

## 5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva  
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino  
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende  
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno  
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro  
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno  
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)  
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)  
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre  
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal  
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)  
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias  
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa  
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso  
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada  
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso  
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação  
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha  
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama  
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa  
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)  
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia  
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)  
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)  
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)  
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares  
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa  
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)  
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?  
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora  
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação  
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)  
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade  
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz  
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria  
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

## 6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal  
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)  
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação  
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)  
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora  
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX  
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama  
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José  
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)  
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades  
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão  
Joel Santos / Susana Pacheco

## 7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica  
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa  
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa  
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa  
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)  
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).  
Informação empírica e hipóteses interpretativas  
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)  
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)  
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes  
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)  
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

## **8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática**

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história  
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas  
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023  
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo  
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos  
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)  
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica  
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória  
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa  
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade  
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?  
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte  
Pedro da Silva / Inês Moreira

## **9. Historiografia e Teoria**

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface  
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História  
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia  
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema  
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego  
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica  
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses  
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos  
Célia Nunes Pereira

## **10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica  
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos  
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino  
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**  
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***  
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**  
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**  
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**  
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**  
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**  
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**  
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**  
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**  
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**  
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**  
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**  
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**  
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**  
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**  
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos



# O CONVENTO DE S. FRANCISCO DE REAL NA DEFINIÇÃO DA PAISAGEM MONÁSTICO-CONVENTUAL DE BRAGA, ENTRE A IDADE MÉDIA E A IDADE MODERNA

Francisco Andrade<sup>1</sup>

## RESUMO

O convento de S. Francisco de Real, foi construído no séc. XVI, no local em que se considera ter sido construído o mausoléu/capela de S. Frutuoso. O sítio arqueológico foi alvo de diversas campanhas de trabalhos arqueológicos e reveste-se de particular importância para a compreensão da evolução dos conjuntos monástico-conventuais da região bracarense. A abordagem que efetuamos procurou uma aproximação, norteados pelo aparato metodológico da Arqueologia da Paisagem e da Arquitetura, ao significado do surgimento do espaço conventual e a sua relação com as dinâmicas de poder, entre o final da Idade Média e a Idade Moderna, na região bracarense.

**Palavras-chave:** Convento; Arqueologia da Arquitetura; Arqueologia da Paisagem; Idade Média; Idade Moderna.

## ABSTRACT

The convent of S. Francisco de Real, was built in the 16th century in the place where the mausoleum/chapel of St. Fructuosus was located. The archaeological site, that has had several archaeological campaigns, is very relevant for understanding the evolution of the monastic-conventual complexes in the region of Braga. The approach we carried out, use a set of methodologies of the Archaeology of Architecture and of the Landscape Archaeology, to know the meaning of the instalation of the community, and the relation with the dynamics of power, between the Late Middle Ages and the modern period, in the region of Braga.

**Key words:** Convent; Archaeology of Architecture; Landcape Archaeology; Middle Ages; Modern Ages.

## 1. INTRODUÇÃO

O convento de S. Francisco de Real, localiza-se no lugar de Montélios, freguesia de Real, bastante próximo do núcleo urbano da cidade de Braga.

O conjunto monumental, constituído pela igreja de S. Francisco, pelo mausoléu/capela de S. Frutuoso e pelo convento de S. Francisco, após a extinção das ordens religiosas, passou a ter usos e proprietários distintos. O convento ficou na posse de proprietários privados, tendo o espaço construído sido usado, em parte, como zona de apoio às atividades agrícolas que se continuaram a desenvolver na área que anterior-

mente teria constituído a cerca monástica. A igreja foi afeta a uso paroquial, como acontece atualmente. Com a intervenção da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, cujo restauro teve como principal objetivo a colocação em evidência dos vestígios remanescentes do mausoléu de S. Frutuoso, incorporados no convento moderno, passou a haver uma nova alteração da lógica de funcionamento do espaço construído.

A partir desse momento, o antigo espaço conventual passou a estar dividido em três áreas distintas: a igreja de S. Francisco, que permaneceu como espaço de culto, o mausoléu de S. Frutuoso, que passou a ser

---

1. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; Lab2PT / francisco.andrade@uaum.uminho.pt

um espaço visitável e o espaço conventual, que continuou na posse de privados, tendo como principal foco, as atividades agrícolas. Este, foi adquirido pela Câmara Municipal de Braga em finais do séc. XX, tendo estado previsto para o local a sua adaptação a Pousada da Juventude e, mais recentemente, o acolhimento da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, no âmbito do estabelecimento de um contrato de comodato entre a CMB e a UM.

Os projetos originais não tiveram seguimento, nos moldes em que foram concebidos, estando presentemente em curso o projeto de “Conservação, Valorização e Promoção do Convento de São Francisco de Real, Braga”, promovido pela CMB em estrita colaboração com a Universidade do Minho.

Foi no âmbito dos projetos de reabilitação do edificado que se realizaram as diversas campanhas arqueológicas no local, principal base dos dados que se apresentam nos capítulos seguintes.

A equipa de arqueologia<sup>2</sup> que participou nos trabalhos, desenvolveu a sua atividade com o enquadramento institucional da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

## 2. RESULTADOS

A aproximação que efetuámos ao edificado foi estabelecida tendo em consideração uma abordagem que contemplou a articulação dos dados das diversas campanhas de escavação arqueológica com a leitura de paramentos do edificado, numa perspetiva integrada que pretendeu proporcionar um acréscimo do conhecimento acerca da evolução das principais fases do edifício e soluções de ocupação do local.

### 2.1 Resultados das campanhas arqueológicas de 2000-2017

A primeira campanha de escavações, incidiu na plataforma norte do edificado e permitiu a exumação de diversas estruturas pertencentes, na sua grande

maioria ao convento do séc. XVIII, designadamente ao conjunto edificado que permitiu estabelecer a ligação com a sacristia da igreja de S. Francisco, sendo clara a sua sobreposição a estruturas anteriores, quer da fase quinhentista do convento, como possivelmente de período anterior (Fontes *et al.*, 2014, pp. 24-27).

Para além da identificação de cerâmica associável ao séc. XIII (Fontes *et al.*, 2012, p. 21), não nos foi possível reconhecer, com clareza, estruturas que pudessem ser enquadráveis na Idade Média, na área conventual. Efetivamente, a maior concentração de cerâmica medieval, aparece associada a uma zona situada entre as estruturas identificadas na zona da adega do proprietário privado e a divisão que lhe está contígua, a sul.

A ocupação durante o período medieval está atestada pelas diversas referências documentais que são feitas ao local, designadamente nas inquirições de 1288 (Pizarro, 2012, p. 430) devendo, à época, estar reduzida a igreja paroquial.

O facto de, presentemente não terem sido identificadas estruturas da Baixa Idade Média, não invalida a possível existência de edificações anexas ao mausoléu/capela de S. Frutuoso, que se terá mantido em uso e que possam não ter sido identificadas, fruto da destruição provocada pelas construções de épocas posteriores.

Para além dos vestígios remanescentes da edificação tardo antiga a alto medievá, circunscritos, em grande medida, ao mausoléu/capela de S. Frutuoso e eventualmente dois pequenos tramos de muro na plataforma norte, os vestígios mais antigos identificados nas diversas campanhas efetuadas no local, são associáveis ao séc. XVI.

Efetivamente, os resultados das campanhas de 2011 (Fontes *et al.*, 2012, p. 21) e de 2015 (Fontes *et al.* 2020a, pp. 15-16) permitiram a aproximação a um conjunto de ruínas que se parece ter desenvolvido de forma escalonada, aproveitando a pendente do terreno.

Junto ao mausoléu de S. Frutuoso desenvolve-se uma estrutura que parece ter feito parte de um arranjo exterior que se terá realizado neste edifício, associado a um empedrado que permitia a circulação no perímetro do edifício.

O referido empedrado, permite a circulação a quase dois metros acima do outro pavimento de características e época similares que se desenvolve mais a norte. Estes dados permitem interpretar o desenvolvimento de um conjunto conventual que se desenvolveu

---

2. A campanha de 2000 contou com a direção de Luís Fontes(UAUM) e Armandino Cunha (CMB); A campanha de 2011 contou com a Codireção de Luís Fontes (UAUM), Cristina Braga (UAUM) e Francisco Andrade (UAUM); As campanhas de 2015-2017, contaram com a Codireção de Luís Fontes(UAUM), Francisco Andrade(UAUM), Mário Pimenta(UAUM), Sofia Catalão(UAUM) e Luís Moreira(UAUM), tendo tido ainda a participação de Maurício Guerreiro(UAUM), que participou igualmente na campanha de 2011, Luís Silva (UAUM) e Juliana Silva(UAUM).

de uma forma mais ou menos orgânica na zona contígua ao mausoléu de S. Frutuoso, mas que respeitou, em grande medida, a preexistência.

Pese embora a descrição do convento promovido por D. Diogo de Sousa pareça assumir a existência de um claustro, muito provavelmente, na zona em que se desenvolve o atual, a julgar pela relação estratigráfica que se identificou na área 3, efetuada em 2015 e na zona contígua, que também foi intervenzionada (Fontes *et al.* 2020a, pp. 15-16), parece-nos que o atual arranjo terá sido de um momento imediatamente posterior, eventualmente do séc. XVII, na medida em que é anterior às remodelações que estão associadas à igreja, que foi fundada em inícios do séc. XVIII e posterior às ruínas do séc. XVI que anteriormente mencionamos (Fontes *et al.*, 2020b, p. 21). Parece-nos notório que o programa construtivo consubstanciado pelo desenvolvimento da solução planimétrica que ainda está no presente edificado, teve um impacto bastante maior do que as construções anteriores.

Este projeto parece denotar uma intencionalidade de um nível de circulação do espaço conventual mais uniforme, perdendo a área construída a sua característica escalonada identificada para o período anterior. Apesar do desmonte de parte do outeiro em que estava implantado o mausoléu de S. Frutuoso, parece-nos que o mesmo ter-se-á ainda mantido em grande parte, apesar das necessárias adaptações que o seu provável uso como espaço de culto poderá ter pressuposto.

Será com as obras que se realizaram no convento, a partir do séc. XVII, com especial destaque para as que se realizaram nos inícios do séc. XVIII, designadamente com a construção da igreja de S. Francisco, que o mausoléu de S. Frutuoso terá conhecido uma destruição mais impactante, tendo sido absorvido pelo conjunto monástico quase na sua totalidade.

O impacto do conjunto monástico no mausoléu está bem patente das fotografias efetuadas no âmbito dos trabalhos de restauro da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no início do séc. XX.

A descrição efetuada por João de Barros nos meados do séc. XVI, parece, numa primeira análise, indiciar a existência de características planimétricas idênticas ao mausoléu, sendo referido que o “*Mosteiro de S. Fructuoso da ordem dos capuchos, cuia casa he de maravilhosa feição, pequena, em cruz e tem pelo meio vinte e duas columnas de mármore em que se sustenta*” (Barros, 1522-23, p. 59), citado por Fontes *e al.*

(2020a, p. 30), o que nos parece ser condizente com a sua conservação na generalidade.

Os dados arqueológicos reforçam a interpretação da evolução arquitetónica que enunciámos nos parágrafos anteriores. De facto, as estruturas que interpretámos como sendo associáveis ao séc. XVI, que se desenvolviam de forma escalonada, encostam ao alicerce preexistente. Já as estruturas associáveis ao séc. XVIII, que identificámos a norte e a sul do mausoléu, pressupuseram o total desmonte do braço norte do mausoléu e de uma parte considerável do braço sul, parecendo, neste caso, ter-se mantido parte do seu alicerce oeste.

A entrada no conjunto monástico passou a ser feita através da galilé, como era comum nos conventos franciscanos (Oliveira & Ferreira, 2015, pp. 38-43).

A orgânica do espaço conventual que se desenvolvia no sopé leste do outeiro onde se implantou o mausoléu, apresenta uma ligeira torção relativamente ao mesmo (Oliveira & Ferreira, 2015, p. 45).

Este facto pode-se ter ficado a dever à topografia do terreno, como já foi referido e à existência de edificações anteriores, que continuaram a uso, como parece ter sido o caso do mausoléu de S. Frutuoso, provavelmente utilizado como espaço de culto.

O convento renascentista, segundo os dados que nos foi possível recolher das escavações arqueológicas, era bastante modesto, perfeitamente adequado às reduzidas dimensões da preexistência no local.

A edificação promovida pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, terá rompido, em parte com esta lógica construtiva renascentista.

Mantendo-se as edificações mais a leste com a torção que parece remontar ao conjunto renascentista, a julgar pelas ruínas que foram identificadas na intervenção do compartimento adaptado a adega para apoio à exploração agrícola durante o uso do privado (Fontes *et al.*, 2012, pp. 33-34), a adaptação e incorporação do outeiro onde se implantou o mausoléu pressupôs um ajuste na orientação dos muros, de acordo com a orientação deste e um desmonte considerável do mesmo.

Este facto está bem patente na zona em que se desenvolvia o corredor, que estabeleceu ligação entre o claustro e a galilé, onde foi efetuado um corte quase vertical da rocha, tendo nesta zona, parte das paredes sido constituídas, apenas, por revestimentos com tijolo.

Na zona mais a zorte, as escavações arqueológicas permitiram a confirmação dos dados que a foto-

grafia antiga do local e as plantas elaboradas pela DGEMN indicavam, relativos ao desmonte total do braço norte do mausoléu.

Foi possível confirmar a existência de um confessional cujo nível de circulação se desenvolvia a uma cota bastante mais baixa do que a do piso de circulação do mausoléu, devendo o desmonte estar relacionado com uma possível ligação entre os dois níveis. Esta terá sido a zona em que o espaço conventual teve um maior impacto no mausoléu, destruindo não só as pareces acima do nível de circulação, como na zona norte, mas também os alicerces.

A escavação destas áreas contíguas a norte e a sul também permitiu identificar a forma como se estabeleceu a ligação entre o mausoléu e a igreja de S. Francisco.

Efetivamente, a igreja, de consideráveis dimensões, também pressupôs um corte praticamente vertical no outeiro em que se implantou o mausoléu, não nos tendo, contudo, sido possível confirmar qual a sua morfologia no período que antecedeu o séc. XVIII.

A intervenção arqueológica permitiu igualmente confirmar a continuidade do edifício conventual, no séc. XVIII, para leste do espaço atualmente construído, sendo muito provavelmente neste local que se localizariam tulhas e espaços de armazenamento (Fontes *et al.* 2012, p. 34) ou eventualmente oficinas (Oliveira & Ferreira, 2012, p. 27).

Finalmente, foi possível recuperar nas diversas intervenções arqueológicas, parte do sistema hidráulico conventual, sendo a sua grande maioria associável aos séc. XVII-XVIII, tendo sido confirmada a existência do chafariz central da área claustral, de que apenas subsistem raros vestígios do seu embasamento. Do sistema hidráulico do séc. XVI, apenas se identificaram vestígios próximos ao muro e empedrados, no compartimento usado como adega.

Apesar de não ter sido possível a recuperação consistente de planimetrias com igual grau de detalhe para cada período histórico, foi possível confirmar a existência de estruturas e conhecer, em determinadas áreas, o processo evolutivo das principais fases construtivas do edifício conventual moderno.

## **2.2 Leitura de paramentos e interpretação do edificado**

A análise da evolução do espaço conventual, como já referimos, contemplou a articulação entre a análise das ruínas exumadas durante a escavação arqueológica e a leitura dos principais paramentos do espaço construído.

Apesar da leitura que efetuámos ter contemplado a análise de todos os pormenores construtivos que tivemos a possibilidade de analisar, no interior e exterior do edifício, norteámos a nossa abordagem, tendo como principais espaços de análise, os alçados exteriores do edifício.

O alçado norte, é constituído essencialmente por diversas estruturas associáveis ao séc. XIX, sendo apenas associável ao séc. XVIII, parte do alicerce do edifício que se prologava para a plataforma norte e que provavelmente estabelecia ligação com o edifício da sacristia da igreja de S. Francisco. A feição dos vãos é completamente distinta dos que são identificados no restante espaço construído.

A análise dos alçados exteriores este e sul permite constatar que, na generalidade, são associáveis ao convento do séc. XVII-XVIII, designadamente as áreas que estão mais próximas do varandim, localizado no quadrante sudeste do convento.

Apesar de obras de considerável vulto que se identificam neste período, não deixa de ser notório o carácter modesto do espaço conventual. Este facto é ainda mais notório, face à comparação com o edifício de culto que se apresenta sobredimensionado relativamente ao restante espaço construído, de alguma forma condicionado pela preexistência.

Esta característica do espaço conventual, no nosso entender, deverá ser associável a dois aspetos fundamentais.

Por um lado, é característica de diversos espaços conventuais franciscanos, alguma modéstia do edificado, condizente com o ideal de austeridade que norteou a doutrina franciscana (Oliveira & Ferreira, 2015, p. 38). Por outro lado, a riquíssima igreja barroca, de assinaláveis dimensões, parece ter sido claramente elaborada com o objetivo de constituir um referente importante na paisagem, sendo uma clara afirmação de poder e ostentação.

Para compreendermos de que forma é que estes discursos arquitetónicos distintos estão associados ao mesmo espaço construído, devemos ter em consideração, não só os princípios doutrinários franciscanos, que seguramente tiveram reflexo nas soluções arquitetónicas adotadas, mas também o patrono e promotor das obras, o arcebispo de Braga.

## **3. O CONVENTO DE S. FRANCISCO NO ÂMBITO DA PAISAGEM MONÁSTICO-CONVENTUAL BRACARENSE MEDIEVAL E MODERNA**

A área rural nas imediações da cidade de Braga, na Idade Média, possuía diversos conjuntos monásticos distribuídos de forma relativamente uniforme pelo território.

Este conjunto de instituições monásticas encontrava-se, na sua generalidade, associado a um povoamento de consideráveis dimensões e desempenhava um papel importante na estruturação do território bracarense.

O conjunto mais assinalável deste período, em termos territoriais e de influência económica era o mosteiro de Tibães, que se localizava no centro de um couto que englobava diversas paróquias e se desenvolvia da zona leste da cidade até a rio Cávado.

Durante o séc. XV, grande parte das instituições monásticas foram reduzidas a igrejas paroquiais após um longo período de crise (Marques, 1988). O único mosteiro de fundação medieval que subsistiu ao longo da Idade Moderna foi, precisamente, o mosteiro de Tibães que, não só manteve praticamente intacta a sua área de influência territorial, como aumentou o seu estatuto, passando a “casa mãe” dos beneditinos de Portugal e do Brasil no séc. XVI.

É precisamente no início do séc. XVI que o convento de S. Francisco de Real é fundado, tendo como seu principal impulsionador o arcebispo D. Diogo de Sousa, como já abordamos anteriormente.

A fundação de um espaço conventual neste local não terá sido seguramente aleatória. De facto, a generalidade dos espaços conventuais fundados na Idade Moderna, apresentam um cariz essencialmente urbano, praticamente todos pertencentes a ordens mendicantes e tendo como principais impulsionadores diversos arcebispos bracarenses, sendo o convento de S. Francisco, em conjunto com o convento de Vilar de Frades, uma exceção.

No caso de Vilar de Frades, a comunidade de cônegos seculares de S. João Evangelista, comumente conhecidos como Lóios, instala-se no espaço conventual medieval, tendo cessado a relação do espaço com a ordem de S. Bento (Erasun Cortés & Faure, 2020, p. 59).

A comunidade franciscana que se instalou em Real, não selecionou um local com uma ocupação de uma comunidade monástica durante a baixa Idade Média. De facto, desde o retorno à esfera da arquidiocese bracarense, no séc. XII, as referências que temos do local durante o período medieval, mencionam a sua existência enquanto paróquia (Costa, 2000, p. 101).

Apesar de se localizar na periferia imediata da cidade de Braga ainda se localizava numa zona marcadamente rural.

Tal como referiram Oliveira & Ferreira (2015, p. 15), a implantação do convento foi profundamente influenciada pela passagem de um caminho de peregrinação nas proximidades e a preexistência do mausoléu de S. Frutuoso.

Para além destas características acima enunciadas, a sua instalação foi, como já foi referido anteriormente, devedora da ação direta e da vontade do arcebispo D. Diogo de Sousa.

Este espaço conventual, apesar de localizado em espaço rural, apresenta características territoriais distintas dos espaços monásticos de origem medieval, como é o caso de Tibães. Tal como o espaço conventual, a cerca também se apresenta de modestas dimensões, não sendo passível de providenciar mais rendimentos do que os de uma abastada propriedade rural minhota.

A influência da comunidade, pese embora possa ter tido interesses patrimoniais, na zona limítrofe com a paróquia de Dume, circunscreveu-se essencialmente à paróquia de Real, não possuindo uma dimensão territorial sequer semelhante a Tibães ou outros espaços monásticos congéneres que exerciam uma influência direta sobre diversas freguesias e possuíam propriedades em diversas regiões, muitas das vezes com distancias assinaláveis entre si.

Efetivamente, estão em análise dois tipos distintos de papéis de duas comunidades religiosas distintas, com diferentes representatividades territoriais.

Mosteiros como o de Tibães, possuem circunscrições territoriais próprias, constituindo por si mesmas um domínio que se afigura de alguma forma “concorrente”, ao poder absoluto que o senhorio arquiepiscopal bracarense, desempenhava em toda a região.

Conventos como de S. Francisco não tinham esta dimensão territorial que poderia constituir um constrangimento ao poder arquiepiscopal, apesar de teoricamente as suas propriedades serem pertença da Santa Sé, parecendo ter sido esta a principal condicionante à implantação das comunidades em meio urbano bracarense no período medieval (Mattoso, 1982, p. 65).

Durante o período moderno, a postura da arquidiocese de Braga, relativamente a este tipo de comunidades parece ter-se alterado, passando a desempenhar um importante papel nos espaços conventuais fundados.

O seu favorecimento é atestado pelas diversas obras patrocinadas por diversos arcebispos, devendo o aspeto de referente paisagístico ser mais uma vez destacado, na medida em que se localizava nas proximidades do mosteiro de Tibães e da estrada que lhe dá acesso a partir do leste.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos que temos vindo a desenvolver no convento de S. Francisco têm permitido um considerável acréscimo de conhecimento acerca do mesmo, tendo sido possível exumar vestígios enquadráveis nas principais fases construtivas do período moderno, documentadas pela historiografia franciscana (Santiago & Costa, 1767). Apesar de não ter sido possível a restituição planimétrica da totalidade das estruturas conventuais de distintas épocas, pudemos conhecer aspetos específicos das características construtivas de cada período, que nos permitiram uma aproximação ao edificado existente.

O estudo efetuado, também possibilitou a interpretação dos aspetos relacionados com a fundação do convento e o âmbito da relação entre o poder arquiépiscopal e a comunidade franciscana que se instalou no local, tendo-nos sido possível situá-lo no âmbito das dinâmicas territoriais e poderes na região bracarense entre a Idade Média e Moderna.

Este estudo pretendeu constituir o ponto de partida, tendo como referência a intervenção plurianual que temos desenvolvido no convento e constituir a rampa de lançamento para um estudo mais aprofundado, que pretende conhecer o papel das instituições religiosas na estruturação da paisagem bracarense, permitindo um acréscimo de conhecimento e contribuir para a valorização de um património tão relevante como é o caso dos conjuntos monástico conventuais.

#### BIBLIOGRAFIA

BARROS, João de (1552-1553) – *Geografia d'entre Douro e Minho e Trás os Montes*, Coleção de manuscritos inéditos da biblioteca municipal do Porto, 5. Porto: Tipografia Progresso.

COSTA, Avelino (2000) – *O bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, vol. II. Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.

ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco (2020) – *Escavações arqueológicas no convento de Vilar de Frades, Convento de Vilar de Frades: Perspetivas de intervenção 1994-2008, Património a Norte*, nº 7. Porto: Direção Geral da Cultura do Norte, pp. 57-73.

FONTES, Luís; BRAGA, Cristina; ANDRADE, Francisco (2012) – Salvamento de Bracara Augusta “Convento de S. Francisco de Real (Braga). Projeto de adaptação a Pousada da Juventude. Relatório Final, *Trabalhos Arqueológicos da UAUM /Memórias*, 29, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

FONTES, Luís; BRAGA, Cristina; CUNHA, Armandino; ANDRADE, Francisco (2014) – Salvamento de Bracara Augusta “Convento de S. Francisco de Real (Braga). Relatório Final, *Trabalhos Arqueológicos da UAUM /Memórias*, 49, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

FONTES, Luís; ANDRADE, Francisco; PIMENTA, Mário; CATALÃO, Sofia; MOREIRA, Luís (2020a) – Convento de S. Francisco. Projeto de instalação da Unidade de Arqueologia da Universidade dom Minho (campanha de 2015) Relatório Final., *Trabalhos Arqueológicos da UAUM /Memórias*, 87, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

FONTES, Luís; ANDRADE, Francisco; PIMENTA, Mário; CATALÃO, Sofia; MOREIRA, Luís (2020b) – Convento de S. Francisco. Projeto de instalação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (campanha de 2016) Relatório de Progresso, *Trabalhos Arqueológicos da UAUM /Memórias*, 92, Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

MARQUES, José (1988) – *A Arquidiocese de Braga no século XV*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

MATTOSO, José (1982) – O enquadramento social e económico das primeiras fundações Franciscanas em Portugal, in *Colóquio Antoniano*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

OLIVEIRA, Maria & FERREIRA, Teresa (2015) – *Metamorfoses do Convento de S. Francisco de Real, Reconhecimento, Análise, Interpretação*. Guimarães: Lab2PT.

PIZARRO, José. (ed.) (2015) – *Portugaliae Monumenta Historica, A saeculo octavo Post Christum Vsque Ad Quitumdecimum ivssv academiae scienttarum olissiponensis edita, Inquisitiones, Inquirições Gerais de D. Diniz de 1288, Sentenças de 1290 e execuções de 1290*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa.

SANTIAGO, Francisco & COSTA, Miguel (1762) – *Chronica da santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa.



Figura 1– Modelo 3D do convento de S. Francisco de Real, durante os trabalhos de recuperação que estão a decorrer. © UAUM/ Francisco Andrade (base fotográfica Paulo Bernardes).



Figura 2 – Planta interpretada do convento de S. Francisco e Mausoléu de S. Frutuoso. © UAUM/Francisco Andrade/Maurício Guerreiro.

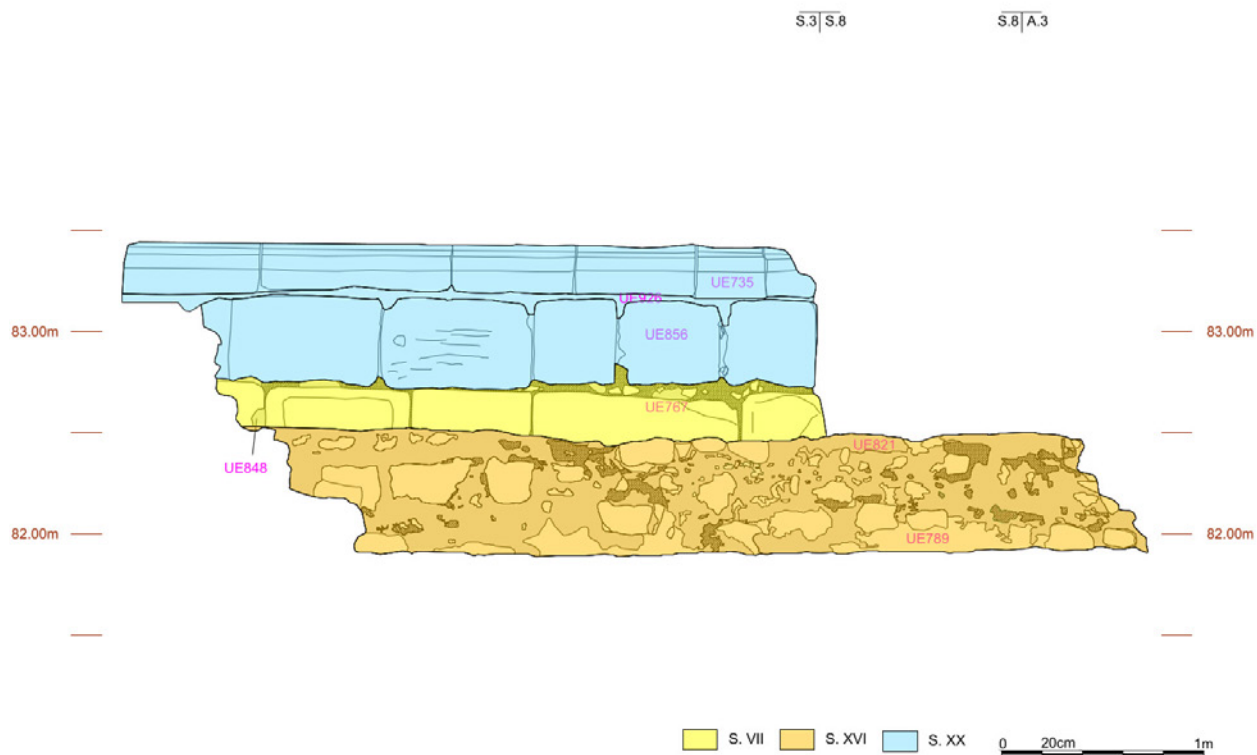


Figura 3 – Leitura interpretada de estruturas associáveis ao convento do séc. XVI e a sua relação com o mausoléu. © UAUM/ Francisco Andrade.

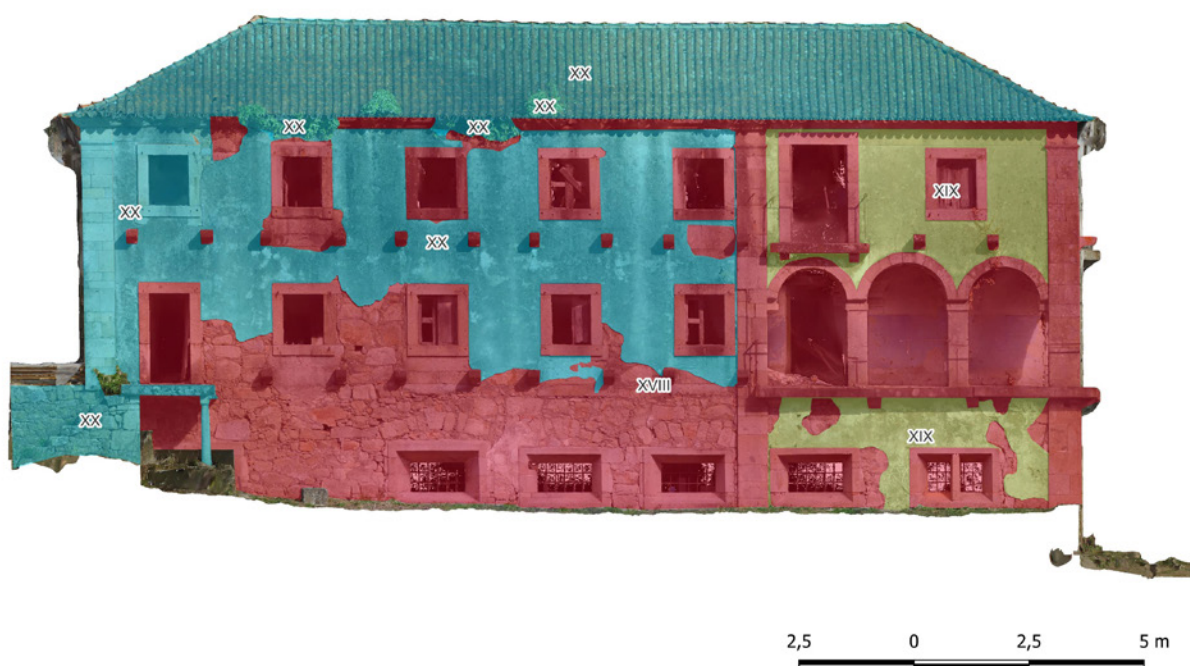


Figura 4 – Leitura interpretada de alçado sul do convento de S. Francisco (numeração romana indica século). © UAUM/ Francisco Andrade (base fotográfica Paulo Bernardes).

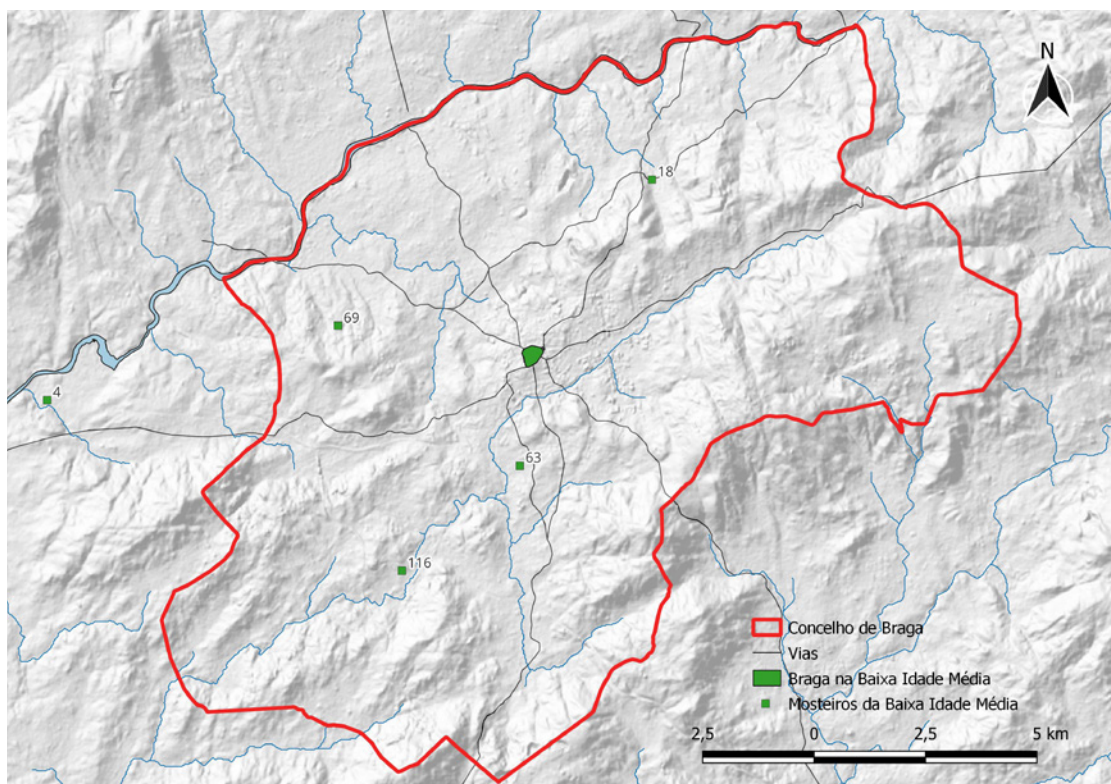


Figura 5 – Mosteiros identificados na região de Braga, na Baixa Idade Média (4 – Mosteiro de Vilar de Frades; 18 – Mosteiro de Adaúfe; 63 – Mosteiro de Lomar; 69 – Mosteiro de Tibães; 116 – Mosteiro de Vimieiro). © UAUM/Francisco Andrade.

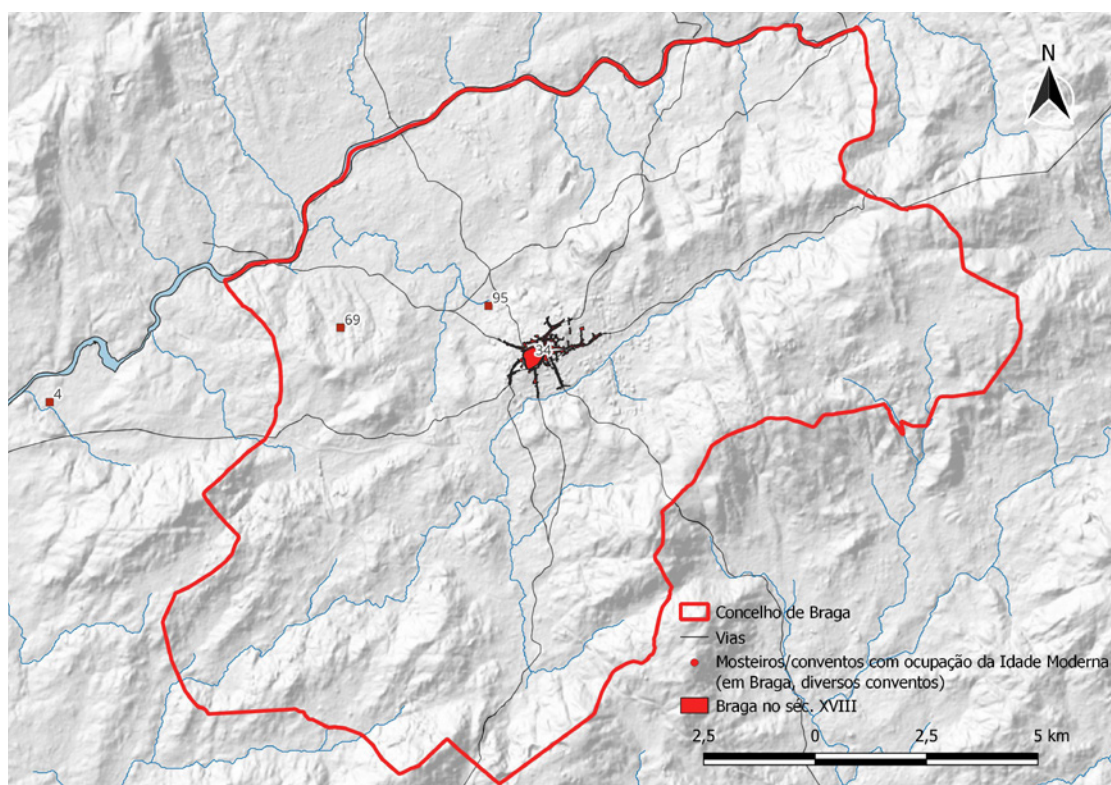


Figura 6 – Mosteiros/conventos, identificados na região de Braga, na Idade Moderna. (4 – Convento de Vilar de Frades, 69 – Mosteiro de Tibães; 95 – Convento de S. Francisco). © UAUM/Francisco Andrade.



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

  
INSTITUTO  
ARQUEOLÓGICO  
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE  
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS

  
**CENTRO DE  
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**  
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos  
em Arqueologia  
Artes  
e Ciências do Património**  
UI&D 281

**fct**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia  
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL  
DE MACHADO DE CASTRO**

**Coimbra**

 **seminário  
maior de coimbra**